

O GÊNERO POÉTICO *SILVA* E SUAS ORIGENS

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)
marciomoitinha@hotmail.com

RESUMO

Observamos que o vocábulo *silva* (= “selva”, “bosque”, “floresta”) é apresentado muitas vezes nos versos das *Bucólicas* de Virgílio, haja vista que o poeta mantuano foi o principal modelo e fonte inspiradora de Henrique Caiado. Assim pensamos também alguns autores que pesquisaram sobre esse poeta português, como Wilfrad Mustard (1931), pesquisador inglês, e o filólogo Marques Rebêlo. Estes defendem a ideia de que as *Éclogas* de Virgílio são as principais fontes de Caiado para a elaboração de sua obra homônima e já traduzida para o vernáculo por Tomás da Rosa (1954). Outrossim, vemos com bons olhos sobre o assunto de maneira que corroboramos com o pensamento destes pesquisadores, não obstante defendemos a ideia de que Henrique Caiado teve também como fonte de inspiração o poeta mantuano para a elaboração das *Silvae*. Estas são por nós consideradas subgênero do bucolismo, por apresentar algumas características em comum como, por exemplo, o hibridismo entre os gêneros da poesia. Lembremo-nos de uma passagem da dissertação de Cecília Lopes de Albuquerque Araujo (1995, p. 8-9). Esta defende a ideia de que o bucolismo tem caráter híbrido. No gênero bucólico retratado pela autora, embora o lirismo seja patente, podem aparecer algumas características do épico e do dramático, o que lhe confere um caráter de gênero misto. A poesia bucólica, porém, costuma ser classificada como lírica pelo fato de expressar a subjetividade; paralelamente a esta afirmação, podemos dizer que as *Silvas* também possuem um caráter híbrido, tendo em vista que há vários gêneros poéticos nos versos hexâmetros, como também configuram-se variáveis estilos de poetas, de prosadores da Roma antiga e de autores posteriores, como veremos no decorrer de nosso minicurso. Na literatura latina da Roma antiga não há outro poeta que tenha escrito tantas vezes o vocábulo *silvae* senão Virgílio, e a partir deste raciocínio procuramos explicar as origens das *Silvae*.

Palavras-chave: Gênero “Selva”, poesia, Henrique Caiado, origens, Virgílio.

Paul Harvey (1955, p. 395) em seu livro, *The Oxford Companion to Classical Literature*, nos explica a origem do nome da obra homônima *Silvae*, escrita por Estácio. Segundo o autor, o nome foi escolhido por tratar-se de temática variada da mesma forma que as “selvas” ou “florestas” possuem inúmeras espécies de árvores que se entrelaçam numa mesma floresta. Portanto, para o autor, a origem do vocábulo *Silvae* tem sentido metafórico.

Defendemos a tese de que as origens das *Silvae* para Caiado estão presentes nas *Bucólicas* de Virgílio, não só porque o poeta mantuano foi a maior fonte inspiradora de Caiado, como já afirmamos, mas também

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

porque de todos os poetas do período de Augusto não há maior alusão ao vocábulo *siluae* do que a obra supracitada de Virgílio.

Vejamos, com comentários, passagens de fragmentos das *Bucólicas*, que corroboram a presença do vocábulo *silva*, que inspirou Henrique Caiado a criar o título de sua derradeira obra. No verso, abaixo, o vocábulo personificado *siluas* aparece pela primeira vez na primeira *bucólica* na forma de acusativo plural. Vejamos a fala do pastor desterrado, Melibeu, na qual se encontra a *silua*:

*Nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,
formosam resonare doces Amaryllida siluas.*

(*Buc. I, 4-5*)

Nós fugimos da pátria; tu, Títilo, estirado à sombra,
ensinas as selvas a repetir (o nome da) formosa Amarílide.

Na segunda *bucólica*, o vocábulo *siluis*, na forma de dativo plural, aparece numa passagem na qual o pastor homossexual Coridão está apaixonado pelo belo e jovem Aléxis. Coridão, então atormentado por este ardente amor, fala palavras sem nexos e em vão ao lançar a sua voz às montanhas e às selvas, que não podem responder-lhe:

*(...), ibi haec incondita solus
montibus et siluis studio iactabat inani*

(*Buc. II, 4-5*)

(...), ali, sozinho,
às montanhas e às selvas lançava estas coisas desordenadas com vão empenho: (...)

Encontram-se, nesta segunda *bucólica*, mais duas passagens a serem comentadas: na primeira, versos 31 e 32, o pastor Coridão conversa com o jovem, belo e alvo Aléxis a fim de tentar conquistá-lo. Coridão argumenta, acerca de suas posses, de sua habilidade no canto e de sua beleza, comparada a de Dáfnis. Imagina em seguida a situação do enamorado a passear nas selvas, cantando e imitando a Pã. Apreciemos os versos a seguir:

*Mecum una in siluis imitabere Pan canendo.
Pan primus calamos cera coniungere pluris instituit.*

(*Buc. II, 31-32*)

Comigo, juntos, nas selvas imitarás a Pã, cantando.
Pã ensinou primeiro a unir muitos cálamos com cera.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A segunda passagem diz respeito ao desvario de Coridão num monólogo por esta paixão impossível de acontecer. Para o pastor, as selvas são um *locus* agradável de paz, de tranquilidade e de extrema relevância, pois até os Deuses habitaram lá:

*Quem fugis, a! demens? Habitarunt di quoque silvas,
Dardaniusque Paris. Pallas quas condidit arcis
ipsa colat; nobis placeant ante omnia silvae.*

(Buc. II, 60 - 62)

Ah! Louco, de quem foges? Os deuses habitaram também *as selvas*, e o dardânio Páris. Que a própria Palas habite nas cidadelas que fundou; que *as selvas* nos agradem, antes de todas as coisas.

Na terceira, há um duelo de canto entre Menalcas e Dametas. Este aposta uma novilha, no v. 29, ao passo que Menalcas não pode fazer o mesmo com nenhuma novilha do rebanho, pois nada lhe pertence, apenas ao pai e à injusta madrasta de maneira que ele, então, oferece para o embate poético dois copos de faia com duas effgies, feitos por Alcimedonte; Dametas diz que também possui dois copos feitos pelo mesmo escultor e até o momento conservados. No meio deles há a imagem de Orfeu e as selvas que o seguem. A plasticidade descritiva desta passagem é notável:

DAMOETAS

*Et nobis idem Alcimedon duo pocula fecit,
et molli circum est ansas amplexus acantho;
Orpheaque in medio posuit, silvasque sequentis.*

(Buc. III, 44 - 46)

DAMETAS

Também para nós o mesmo Alcimedonte fez dois copos, e com o flexível acanto abraçou ao redor suas ansas; e no meio pôs Orfeu e *as selvas* que o seguem.

Para o embate poético entre Dametas e Menalcas, Palemão é convidado a ser juiz do duelo de canto e retrata, antes de iniciar o pleito, os elementos da natureza, típicos da primavera:

PALAEEMON

*Dicite, quandoquidem in molli consedimus herba.
Et nunc omnis ager, nunc omnis parturit arbos,
nunc frondent silvae, nunc formosissimus annus.*

(Buc. III, 55- 57)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Cantai, visto que na erva macia nos sentamos.
E agora todo campo, agora toda árvore dá à luz¹³,
agora *as selvas* são frondosas, agora formosíssimo¹⁴ está o ano.

Na quarta, o poeta deseja cantar assuntos mais elevados, dignos do cônsul Polião e não de pastores. Trata-se de uma bucólica *sui generis*, isto é diferente das demais, mais propínqua ao tom épico. Não obstante, o poeta se propõe a cantar “as selvas”, visto que estas também são dignas de um cônsul; com tom elevado e quase épico, as *siluae* são deveras dignas de exaltação de uma eminente pessoa. Destacamos, abaixo, a passagem que corrobora a nossa afirmação anterior:

*Sicelides Musae, Paulo maiora canamus:
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluas, siluae sint consule dignae.*

(*Buc.* IV, 1-3)

Ó Musas da Sicília, cantemos um pouco (coisas) maiores;
os arbustos e os humildes tamarindos não agradam a todos:
Se cantamos *as selvas*, que *as selvas* sejam dignas de um cônsul.

Na quinta, configuram-se cantos alternados entre dois pastores, Menalcas e Mopso. O último canta a morte de Dáfnis, e o primeiro, a apoteose. As *Siluae* estão patentes em três momentos distintos nesta bucólica: entre os versos 20 a 28, encontra-se a primeira passagem na fala do pastor Mopso que retrata, por causa da morte de Dáfnis, o sentimento de pesar não só das ninfas, como também dos elementos da natureza, como as aveleiras, os rios e os próprios animais, que não provaram mais a água e nem tocaram a erva do pasto, como sinal de luto. Consoante o poeta, dizem as selvas e os montes selvagens que até os leões púnicos gereram a morte de Dáfnis. Apreciemos os versos 24 a 28 nos quais se encontra o vocábulo “selva”:

¹³ Metáfora. A árvore “concebe” folhas e frutos.

¹⁴ “Ano formosíssimo”, personificação seguida de antonomásia, figura de linguagem caracterizada pela substituição de um nome por outro nome ou expressão que lembre uma qualidade, uma característica ou um fato que, de alguma forma, o identifique. O poeta preferiu valer-se deste recurso em vez de escrever a palavra “primavera” por motivos métricos.

MOPSVS

*Non ulli pastos illis egere diebus
frígida, Daphni boues ad flumina: nulla neque amnem
libauit quadrupes, nec graminis attigit herbam.
Daphni, tuom Poenos etiam ingemuisse leones
interitum montesque feri siluaeque loquuntur.*

(Buc. V, 24-28)

Naqueles dias, ó Dafnis, nenhuns (pastores) conduziram os bois apascentados aos frescos rios; nenhum quadrúpede nem tomou água, nem tocou erva do pasto. Ó Dáfnis, e os montes selvagens e *as selvas* dizem que os leões púnicos também gereram a tua morte.

Num segundo momento, nos versos 42 a 44, o mesmo pastor Mopso propõe aos pastores e a Menalcas que se levante um túmulo honroso¹⁵ e neste se grave um epitáfio para Dáfnis com a seguinte inscrição:

*DAPHNIS EGO IN SILVIS HINC USQUE AD SIDERA NOTVS
FORMOSI PECORIS CVSTOS FORMOSIOR IPSE*

(Buc. V, 43 - 44)

EU (FUI) DÁFNIS NAS SELVAS, FAMOSO DAQUI ATÉ AOS ASTROS,
PROTECTOR DE UM FORMOSO REBANHO, (EU) PRÓPRIO MAIS BELO

Em nossa dissertação (RIBEIRO, 2006, p. 115)¹⁶, destacamos esta inscrição fúnebre à qual acabamos de nos referir e a consideramos como um “falso epigrama”¹⁷, uma vez que os epitáfios geralmente eram compostos em forma epigramática.

A derradeira passagem da quinta *bucólica*, na qual atestamos mais uma vez “as selvas”, configura-se da seguinte maneira: o pastor Menalcas, nos versos 56 a 61, apresenta Dáfnis, contemplando as maravilhas do Olimpo e, sob a seus pés, o herói vê as nuvens e os astros de modo que as selvas, os campos, os pastores e as jovens Dríades se alegram pela apoteose do herói; vale ressaltar que até os animais ferozes sentem gáudio e não praticam, a partir deste momento, insídias, e nem rede alguma é lançada aos cervos pelos caçadores. Todos estes últimos acontecimentos

¹⁵Erigir um túmulo e neste gravar um epitáfio era a maior homenagem que um defunto poderia ter na Roma antiga.

¹⁶ Esta dissertação foi publicada, em 2014, pelas Novas Edições Acadêmicas com um novo título.

¹⁷Para ampliar os conhecimentos acerca dos epigramas e de suas origens, indicamos a nossa edição bilingue, publicada recentemente pela Editora Primas de Curitiba e intitulada: *Os Epigramas de Henrique Caiado: Origens, Estudo Analítico e Tradução*.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

retratam a paz tão cara a Dáfnis. Para corroborar os nossos comentários supracitados, apreciemos, a seguir, os versos originais de Virgílio com a nossa tradução:

MENALCAS

*Candídus insuetum miratur limen Olympi
sub pedibusque uidet nubes et sidera Daphnis.
Ergo alacris siluas et cetera rura uoluptas
Panaque pastoresque tenet Dryadasque puellas.
Nec lupus insídias pecori, nec retia ceruis
ulla dolum meditantur: amat bonus otia Daphnis.*

(Buc. V, 56 - 61)

MENALCAS

O cândido Dáfnis admira o limiar¹⁸ insólito do Olimpo
e, sob os (seus) pés, vê nuvens e astros.
Portanto, um alegre prazer tem *as selvas* e os restantes campos
e Pã e os pastores e as jovens Dríades.
Nem o lobo prepara insídias ao rebanho, nem redes
algumas tramam dolo¹⁹ aos cervos: o bom Dáfnis ama os ócios.²⁰

Na sexta *bucólica*, as *Siluae*, mais uma vez, são valorizadas por Virgílio. Nos dois primeiros versos, o poeta mantuano situa as “selvas” como *locus* das musas, outrossim, morada de Tália, musa dos banquetes e da comédia. Sabe-se que esta, originalmente campestre, era representada empunhando um cajado de modo que se faz a associação dela à poesia bucólica. No terceiro verso, Virgílio, advertido por Apolo, afirma que, no momento, não deve cantar em tom épico, mas bucólico cujas atribuições principais são apresentar: os labores dos pastores e, nos momentos de descanso, os cantos dos mesmos. Estão patentes também, nos versos incipientes (vs 6-9) os encômios aos políticos que também são focalizados na poesia bucólica, como na épica. Fica evidente, no nono verso, que a sexta *bucólica* foi feita por encomenda, visto que o poeta diz: *non iniussa cano* (“não canto o que não me mandaram”). Isto é, o poeta só escreve o que interessa aos políticos da época de maneira que o mecenato e o clientelismo já eram bem frequentes nas poesias do período de Augusto. Seleccionamos, abaixo, os nove primeiros versos da sexta os quais acabamos de comentar para corroborar as nossas afirmações supracitadas:

¹⁸ Soleira da porta não tangível aos corpos dos mortais. Diz-se insólito para algo extraordinários aos olhos humanos.

¹⁹ Está no sentido de “engano”.

²⁰ Isto é, o herói ama a paz necessária à tranquilidade da alma, à reflexão e à criação poética.

*Prima Syracosio dignata est ludere uersu
nostra, neque erubuit siluas habitare, Thalia.
Cum canerem reges et proelia, Cynthus aurem
uellit, et admonuit: "Pastorem, Tityre, pinguis 4
pascere oportet ouis, deductum dicere carmen."
Nunc ego (namque super tibi erunt, qui dicere laudes,
Vare, tuas cupiant, et tristia condere bella)
agrestem tenui meditabor harundine musam.8
Non iniussa cano. (...)*

(Buc. VI, 1-9)

A nossa Tália julgou-se digna a primeira a brincar com o verso siracusano, e não corou de vergonha por habitar *as selvas*. Como eu cantasse os reis e os combates, o Cíntio me puxou violentamente a orelha e me advertiu: “Títilo, é necessário que um pastor 4 apascente gordas ovelhas e cante um carne simples.” Eu agora (pois, tu terás de sobra, ó Varo, aqueles que desejem celebrar os teus louvores, e cantar as tristes guerras) elaborarei um agreste canto na tênue flauta.8 Não canto o que não me mandaram. (...)

Há, nos versos 37 a 40, outra passagem da sexta *bucólica* na qual Virgílio retrata brevemente a formação dos quatro elementos: terra, ar, mar e fogo²¹ e como a abóbada do mundo tomou consistência. Neste contexto, originam-se as “selvas” como também os animais, que erravam pelos montes. Vejamos a passagem selecionada:

*(...) iamque nouom terrae stupeant lucescere solem,
altius atque cadant submotis nubibus imbres,
incipiant siluae cum primum surgere, cumque
rara per ignaros errent animalia montis.*

(Buc. VI, 37 - 40)

(...) e as terras já admirem o novo sol a brilhar, e as chuvas caíam das nuvens erguidas mais alto, enquanto *as selvas* começam a surgir, pela primeira vez, e enquanto o animais errem espalhados pelos campos que não (os) conhecem.

Na sétima *bucólica*, nos versos 65 a 68, duas alusões às “selvas” ficam patentes na derradeira fala do pastor Tírsis, que perde a disputa poética contra Córídon:

²¹ A cosmogonia, que Virgílio comenta em célebre passagem, tem um tom poético, bem sugestivo, mas limitado; percebe-se na leitura que ele não esgota o assunto nem expõe minuciosamente as teorias do *De Rerum Natura* de Lucrecio ou as de Epicuro.

THYRSIS

Fraxinus in siluis pulcherrima, pinus in hortis, 65
populus in fluuiis, abies in montibus altis:
saepius at si me, Lycida formose, reuisas,
fraxinus in siluis cedat tibi, pinus in hortis.

(Buc. VII, 65-68)

O Freixo *nas selvas* é pulquérrio, o pinheiro nos hortos,
o choupo nos rios, o abeto nas altas montanhas:
mas se tu, ó formoso Lícidas, com mais frequência me visitasses,
o freixo nas selvas ceder-te-ia o lugar, o pinheiro nos hortos.

Na oitava, as “selvas” também têm lugar de destaque. Encontramos, no verso 58, o pastor Damão; desesperado e desejoso de suicídio por causa de seu amor não correspondido. Nos versos 55 e 56, podemos atestar que esse pastor fica em devaneios, desejando que as corujas disputem com os cisnes e que o pastor Títiro seja um Orfeu. Nos dois últimos versos que extraímos, Damão despede-se das selvas por desejar o suicídio e pretender saltar-se às ondas:

(...) certent et cycnis ululae, sit Tityrus Orpheus, 55
Orpheus in siluis, inter delphinas Arion.

Incipe Maenalius mecum, mea tibia, uersus.
Omnia uel medium fiat mare. Viuite, siluae (...)

(Buc. VIII, 55 - 58)

(...) e que as corujas disputem com os cisnes, que Títiro seja um Orfeu, 55 um Orfeu *nas selvas*, um Arião entre os golfinhos.

Começa comigo, ó minha flauta, os versos de Mênalo.
E ainda, que o alto mar se torne tudo. Adeus, *selvas*²²: (...)

Há mais uma passagem na oitava *bucólica*, na qual as “selvas” mais uma vez estão patentes e sobre as quais teceremos alguns comentários, a seguir. Primeiramente, contextualizemos o trecho selecionado: quem nos fala, agora, na disputa poética, não é mais o pastor Damão, mas Alfeisibeu que descreve cerimônias²³ de uma mulher, que tenta trazer de volta o seu ente muito amado, Dáfnis. Nesta situação, “as selvas” se inserem como lugar propício às transformações e às feitiçarias proferidas

²²*Viuite siluae* = “Vivei, selvas”: tradução literal, contudo trata-se de uma expressão do idioma. Melhor tradução para o contexto da poesia acima é “Adeus, selvas”, visto que o pastor tem mais consideração pelas “selvas” do que pela amada.

²³ Na verdade, o que Alfeisibeu descreve diz respeito à magia de uma mulher. Vale lembrar que estes tipos de sortilégios estavam muito em voga nos tempos de Virgílio.

por uma mulher na tentativa de trazer de volta do Hades o seu amado. Estes encantamentos têm como escopo conduzir Dáfnis da cidade à casa da amada. Extraímos alguns versos para corroborar o que acima foi dito:

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.
Has herbas atque haec Ponto mihi lecta uenena
ipse dedit Moeris (nascuntur pluruma Ponto);
his ego saepe lupum fieri et se condere siluis
Moerim, saepe animas imis excire sepulcris,
atque satas alio uidi traducere messis.*

(Buc. VIII, 94 - 99)

Ó encantamentos meus, conduzi, Dáfnis, conduzi-o da cidade a (minha) casa. O próprio Méris deu-me estas ervas e estes venenos colhidos no Ponto (nascem muito abundantes no Ponto); eu vi Méris, muitas vezes, tornar-se lobo por causa destes²⁴ e esconder-se nas selvas, muitas vezes, eu (o) vi evocar as almas no fundo dos sepulcros e transportar para o outro (campo) as searas semeadas.

Na nona, não há alusão às “selvas”; por outro lado, na décima *bucólica*, Virgílio focaliza-as em três momentos diferentes, como veremos mais adiante.

In primo loco, vejamos a temática da derradeira *bucólica*: a décima canta os amores de Galo²⁵, ressentido pela traição da amada Licóride. Virgílio invoca a ninfa Aretusa a fim de inspirar-se no canto para o seu amigo. Neste contexto, as “selvas” são focalizadas, pela primeira vez, quando o poeta afirma que não canta para os surdos, tendo em vista que as “selvas” repercutem todas as coisas. Apreciemos os oito primeiros versos de Virgílio sobre os quais acabamos de tecer comentários:

*Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem:
pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,
carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?
Sic tibi, cum fluctus subterlabere Sicanos,
Doris amara suam non intermisceat undam; 5
incipi; sollicitos Galli dicamus amores,
dum tenera attondent simae uirgulta capellae.
Non canimus surdis: respondent omnia siluae*

(Buc. X, 1 - 8)

²⁴ Refere-se aos encantamentos.

²⁵ Percebe-se que a décima *bucólica* foi obra de encomenda a pedido do próprio Galo, como podemos atestar pela nossa tradução do terceiro verso: “quem negaria versos a Galo?”

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Aretusa, concede-me este derradeiro labor;
poucos carmes hão de ser ditos ao meu Galo, mas que a própria Licóride leia,
quem negaria²⁶ carmes a Galo?
Assim, quando correres sob as ondas da Sicília,
que a amarga Dóris não misture contigo a sua água; 5
começa; digamos os amores muito inquietos de Galo,
enquanto as cabras, que têm as narinas chatas, roem as tenras moitas.
Não cantamos para surdos: as *selvas* tudo repercutem.²⁷

No segundo momento da décima, as “selvas” configuram-se ao pastor como local de refúgio e de sofrimento. Nos versos 52 a 54, o Galo²⁸ desabafa, afirmando que prefere estar entre os covis das feras e deseja gravar nas tenras árvores os seus sentimentos amorosos, que crescem a cada dia, como as árvores que se desenvolvem com as suas inscrições gravadas:

*Certum est in siluis inter spelaea ferarum
malle pati tenerisque meos incidere amores
arboribus: crescent illae, crescetis, amores.*

(Buc. X, 52 - 54)

Está decidido que prefiro sofrer *nas selvas* entre os covis das feras
e gravar os meus amores nas tenras
árvores: crescerão elas²⁹, crescereis, ó amores (meus)!

Na terceira passagem, encontramos-las com a seguinte configuração: o pastor desiludido não consegue esquecer-se de sua amada de modo que seus esforços de evasão fracassam, nada mais lhe agrada nem as ninfas nem os próprios versos e nem mesmo as “selvas”, que são convidadas a se retirarem. Extraímos dois versos nos quais atestamos a última passagem das *silvae* em Virgílio:

*Iam neque Hamadryades rursus nec carmina nobis
ipsa placent; ipsae rursus concedite, silvae.*

(Buc. X, 62 - 63)

Agora, nem as Hamadriades, nem de novo os próprios cantos
nos agradam mais; (vós) mesmas retirai-vos de novo, ó *florestas*.

²⁶Preferimos traduzir o verbo *neget*, que está no presente do subjuntivo, por “negaria” no futuro do pretérito. Trata-se do subjuntivo potencial.

²⁷ Isto é, as “selvas” fazem eco, não se calam diante dos acontecimentos.

²⁸ Na verdade, trata-se de Cornélio Galo, traído por sua amada Licóride, amigo de Virgílio.

²⁹ Isto é, as árvores.

Pelo que já comprovamos, até agora, podemos responder com segurança acerca da seguinte pergunta: por que um gênero poético com esta denominação *silva*? Para nós, sem dúvida alguma, trata-se de inspiração poética virgiliana³⁰.

Observemos, a seguir, os comentários que fizemos sobre o vocábulo *silva* nas Bucólicas:

- * As *Silvae*, no quinto verso da primeira, desempenham a personificação de um companheiro, disposto a aprender algo sobre o amor para poder repetir o eco do nome da amada Amarílide nas montanhas;
- * Na segunda são um espaço relevante no qual o pastor ou poeta pode confiar os seus sentimentos, as suas paixões e os seus desvarios, mas infelizmente não há respostas às perguntas, tendo em vista que as *silvae* não podem responder-lhe;
- * No verso 31 da segunda, são um *locus* agradável e adequado aos amantes; um pouco mais adiante, nos versos 60 e 62, podemos perceber que as selvas foram um lugar sagrado no qual os deuses e as ninfas habitaram, *locus* de paz, de tranquilidade, suscetível à reflexão, espaço tão relevante, quanto às cidades de Roma, como coteja o poeta nestes versos;
- * Na terceira, as “selvas” existem para os animais, para os pastores e para as pastoras. (Cf. *Buc. Virg.* III, 46);
- * Já no início da quarta *bucólica*, elas nos conduzem a refletir sobre como são dignas de personagens ilustres de maneira que se configura uma *silva* com tom épico;
- * Na quinta, entre os versos 56 a 58, nota-se um sentimento de euforia pela certeza da apoteose de Dáfnis de modo que as “selvas”, os restantes campos, Pã, os pastores e as jovens Driades sentem gáudio pelos acontecimentos acerca do herói; na segunda passagem, pudemos atestar, com a leitura dos versos 43 e 44, que as selvas e as fontes não são lugares irrelevantes, tendo em vista que elas são habitadas pelas almas dos heróis, como Dáfnis. Enfim, num último momento desta quinta *bucólica*, podemos constatar que “as selvas” são personificadas e oniscientes. Repassando um olhar atento sobre os versos 58 a

³⁰Não descartamos a influência das *Silvae* de Estácio, publicadas a partir de 92 d. C. No entanto, defendemos a tese de que há influências diretas das *Bucólicas* de Virgílio nestas “Selvas” de Caiado.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

61, constataremos que as selvas e os restantes campos se alegram pela apoteose de Dáfnis, que ama os *otia* (“os ócios”), o herói que se deleita com a paz, com a tranquilidade da alma. Não há lugar mais propício para este *locus amoenus* do que as selvas nas quais habitam as jovens ninfas, denominadas Dríades, e às quais o poeta faz alusão, no verso 59. Vale lembrar, do ponto de vista etimológico, que o vocábulo “Dríades”³¹ provém do grego δρύς (carvalho) de modo que elas são deveras originárias dos campos;

- * Na sexta, logo nos versos incipientes 1-2, atestamos que “as selvas” também são retratadas como *locus* das musas campestres, como Tália, à qual nos referimos, anteriormente; já nos versos 39 e 40, pudemos averiguar um comentário sugestivo de Virgílio acerca da origem das “selvas” e dos animais terrestres;
- * Na sétima, ouvimos as palavras do pastor Tírsis, nos versos 65 a 68, cotejando as “selvas” como um lugar tão formoso, quanto à beleza de Lícidas;
- * Na oitava, são retratadas como um locus, não só escolhido para transformações e para despedidas que almejam o suicídio por um amor não concretizado, mas também elas são um espaço propício às feitiçarias;
- * Na nona, lamentavelmente, não há alusões a estas florestas;
- * Enfim, na décima e derradeira *bucólica*, as “selvas” aparecem em três momentos distintos: 1º.) no verso 8, elas tudo repercutem, oniscientes de todos os acontecimentos da época do poeta mantuano; 2º.) no verso 52, são focalizadas como lugar de desabaços dos sentimentos amorosos do pastor Galo, bem como espaço de refúgio para o próprio se esquecer dos males do amor, visto que para ele o viver nas selvas com a natureza, com os pastores e com as ninfas poderia servir de remédio para a sua paixão, mas infelizmente tal raciocínio foi deveras vão e inviável. Apreciemos o verso, a seguir, que confirma o desabaço do pastor: *tamquam haec sit nostri medicina furoris, (...) (Buc. X, 60)* “como se o remédio de nossa paixão fosse isto³², (...)”; 3º) no verso 63, as “selvas” são afugentadas pelo apaixonado Galo por não mi-

³¹ Ovídio em *As Metamorfoses* (VI, 453) e Virgílio em *As Geórgicas* (I,11) já retrataram tais ninfas às quais acabamos de nos aludir.

³² Alguns traduzem assim: “como se isto fosse remédio para a nossa paixão, (...)”

tigarem a sua paixão doentia. Para nós, foi a melhor maneira que Virgílio escolheu nas *Bucólicas* para despedir-se das “selvas”, que têm para o poeta substancial relevância, tendo em vista que apareceram tantas vezes na obra supracitada com diversificadas funções e objetivos, como pudemos constatar ao longo deste capítulo com nossos exemplos e comentários.

Não podemos esquecer-nos de que as “selvas”, “as florestas”, são o *locus* primitivo do povo de Roma, já que em suas origens a *Urbs* era uma aldeia de agricultores de maneira que podemos perguntar-nos: Qual é a relevância do gênero poético *Silua* para o povo romano? Acreditamos que a explicação seja histórica: Roma foi, em suas origens³³, um povo de camponeses e este fato e lembrança consciente deste povo, certamente, influenciou na tradição³⁴ oral e na literatura romana.

Está bem patente em todo o consciente romano o telúrico, isto é o amor à terra, ao país e às selvas, e torna-se bem visível este caráter, em Virgílio nas *Bucólicas* e em Caiado nas *Siluae*, como atestaremos mais adiante, no segundo capítulo. Concordamos com Marrou (1975), quando ele afirma que os jovens romanos seguiam as tradições dos antigos e

- a) respeitavam e escutavam os mais velhos;
- b) acompanhavam os pastores nos trabalhos dos campos;
- c) observavam os costumes dos ancestrais, dos *mos maiorum* e dos *pater-familias*³⁵;
- d) escutavam os belos discursos, nas sessões secretas do senado³⁶, acompanhados de seus pais;
- e) assistiam às festas e cantavam ...
- f) respeitavam o sentimento religioso: a *pietas* e as leis do direito e da justiça³⁷;

³³ No final do séc. VI a. C.

³⁴ Tradição nacional de toda Roma e da tradição familiar.

³⁵ A partir dos 7 anos.

³⁶ Consoante Aulo Gélio, em *Noites Áticas*, havia um costume antigo segundo o qual, os senadores de Roma entravam na Cúria com os seus filhos vestidos de pretexta. Não obstante, o mesmo autor nos relata um fato que contribuiu veementemente para a alteração desse costume. (Cf. GÉLIO, 2010, p. 74-75, I, 23, 4).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

g) enfim, seguiam a tradição romana de seus ancestrais.

Não nos esqueçamos de que o patriotismo na Roma antiga era eminentemente religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Cecília Lopes de Albuquerque. *A poesia bucólica em Nemesiano*. 1995. Dissertação (de Mestrado). – Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GÉLIO, Aulo. *Noites áticas (Noctes Atticae)*. Tradução e notas: José Rodrigues Seabra Filho. Introdução: Bruno Fregni Bassetto. Londrina: Eduel, 2010.

HARVEY, Paul. *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1955.

MARROU, Henri-Iréné. *História da educação na Antiguidade*. Brasília: MEC; São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1975.

MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. 2006. Dissertação (de Mestrado). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *As Bucólicas de Virgílio: origens, características e estilo do poeta (As Bucólicas de Virgílio: estudo e tradução)*. Deutschland/Niemcy: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

_____. *Os epigramas de Henrique Caiado: origens, estudo analítico e tradução*. Curitiba: Prismas, 2013.

_____. *Siluae de Henrique Caiado: estudo e tradução*. 2014. Tese (de Pós-Doutoramento). Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROSA, Tomás da. *As églogas de Henrique Caiado*. Separata de *Humanitas*. Vols. I e II da Nova Série. (Vols. V e VI da Série Contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1954.

³⁷ No ritual da declaração de guerra, os sacerdotes chegando à fronteira do inimigo, tomavam os deuses e o direito por testemunhas da justiça da causa romana: Roma só faz guerra para obter o que lhe é devido.